

Capital cultural e formação de professores

Cultural capital and teacher training

DOI: 10.55905/rcssv12n5-019

Received on: August 28th, 2023

Accepted on: September 26th, 2023

Fernando Augusto de Oliveira e Silva Filho

Doutor em Sociologia

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Endereço: R. Augusto Corrêa, 01, Guamá, Belém - Pará, CEP: 66075-110

E-mail: filho0011@gmail.com

Waldir Ferreira de Abreu

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Endereço: R. Augusto Corrêa, 01, Guamá, Belém - Pará, CEP: 66075-110

E-mail: awaldir@ufpa.br

RESUMO

Este trabalho cujo título é, Capital Cultural e Formação de professores, possui como objetivo, desenvolver uma breve reflexão qualitativa bibliográfica sobre dois aspectos importantes que norteiam a formação de professores e seu capital cultural: a família e o trabalho docente. Baseado na teoria de capital cultural desenvolvida pelo sociólogo Francês Pierre Bourdieu, que compreende capital cultural de forma geral, como a aquisição de regras, normas e qualificações intelectuais pelos indivíduos ao longo de suas vidas. Destacando-se neste trabalho, o que Bourdieu chamou de capital cultural incorporado, produzido pela família e, capital cultural objetivado e produzido pelo trabalho docente. Dessa forma, Bourdieu compreende a deficiência desses dois capitais, geralmente existente em famílias com déficit econômico e cultural e que podem explicar o fracasso escolar dos indivíduos. Tendo como resultado a divulgação dessa teoria para os leitores oportunos.

Palavras-chave: capital cultural, formação de professores, cultura, saberes.

ABSTRACT

This work, entitled Cultural Capital and Teacher Training, aims to develop a brief qualitative bibliographic reflection on two important aspects that guide teacher training and its cultural capital: the family and the teaching work. It is based on the theory of cultural capital developed by French sociologist Pierre Bourdieu, which comprises cultural capital in a general way, such as the acquisition of intellectual rules, norms and qualifications by individuals throughout their lives. Outstanding in this work, Bourdieu called it an incorporated cultural capital, produced by the family and, objectified cultural capital and produced by teaching work. In this way, Bourdieu understands the deficiency of these two capitals, generally existing in families with an economic and cultural deficit and which can explain the educational failure of individuals. As a result, this theory is disseminated to the appropriate readers.

Keywords: cultural capital, teacher education, culture, knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem debatido hoje no Brasil sobre a questão da formação de professores em todas os níveis educacionais, debates que envolvem principalmente uma certa dualidade paradoxal entre a busca de uma perspectiva democrática, e o surrado conteudismo. Algo que parece não ter um consenso entre os professores dos mais diversos campos educacionais. Entretanto, é importante ressaltar que a boa ou má formação de professores como tudo que faz parte da dinâmica da vida, em seu dinâmico fluxo de mutação, transcorre em permanentes mudanças e que, essas mudanças dizem respeito à forma (ou formas) de como os professores agregam as mais diversas camadas de informações ao longo de suas vidas. Que não necessariamente estão ligadas apenas à cultura escolar. Embora essa, se assim podemos dizer, seja uma espécie de “cultura central”, por sua dimensão epistemológica – metodológica, na formação dos professores.

Para trazer luzes a essa questão, o sociólogo Frances Pierre Bourdieu (1930 – 2002), desenvolveu o conceito de capital cultural. Basicamente relacionado à questão escolar. Colocando-o como uma hipótese explicativa sobre as desigualdades do desempenho escolar. Principalmente de crianças oriundas de diferentes classes sociais. Para se contrapor à chamada teoria das “aptidões naturais”, bastante comum na Europa do século XIX e mesmo no Brasil. Tal teoria compreendia que algumas pessoas já nascem com um talento natural para apreender coisas que outras não possuem. Constituindo-se assim, em uma ideologia da classe dominante que não considera as desigualdades sociais e muito menos as desigualdades escolares.

Para Bourdieu, a aquisição de habilidades de diversas maneiras e principalmente escolar, não são oriundas de uma situação natural, mas, de aquisições sociais adquiridas e transmitidas aos agentes sociais que as acumulam ao longo do tempo. Por, de forma geral, possuem condições de ordem econômica e cultural que os tornam portadores do capital cultural reconhecido como legítimo pela sociedade.

O pensamento de Bourdieu, embora se detenha em um estudo sobre as desigualdades culturais e educativas do sistema de ensino Francês dos anos 60/70, serve mesmo hoje, para refletirmos sobre o problema da formação de professores no Brasil. Lembrando que, esse trabalho trata-se de um breve ensaio de reflexão teórica sobre a questão.

2 CAPITAL CULTURAL: O CONCEITO

De forma geral, Bourdieu define capital cultural como um conjunto de qualificações intelectuais, produzidas pelo sistema escolar (principalmente), e pela família (2016).

Essa forma muito específica de capital, orienta-se por várias aquisições e habilidades desenvolvidas e distribuídas de forma desigual pela sociedade em uma dimensão coletiva e individual pelo que Bourdieu denominou de habitus (valores, normas e regras incorporadas e internalizadas pelos agentes sociais, de acordo com sua posição na estrutura social (1989).

“O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade de se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”. Um habitus. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo”.(Bourdieu. 2016, p.83)

Essas habilidades que não são “dons naturais”, mas aquisições sociais, são adquiridas e transmitidas por agentes que as acumulam ao longo do tempo. Por de forma geral, serem portadores legítimos do capital sócio-cultural produzido pelo seu grupo de origem. Portanto, o capital cultural é adquirido pela aquisição de propriedades válidas que se manifestam em comportamentos cultivados (ou não) ao longo de nossas vidas.

O capital cultural não se herda sem grande esforço pessoal, sem um longo trabalho de aprendizagem e a aculturação. Tendo a ser estreitamente correlacionado ao capital econômico do agente.

Para Bourdieu, a teoria do capital cultural busca esclarecer o que se esconde através da ideologia dominante sobre o sucesso ou fracasso escolar dos indivíduos. Trazendo à superfície da sociedade e da escola, os obscuros elementos baseados em questões sócio-econômicas que compõem a formação do indivíduo e vão de encontro à teoria das aptidões.

“O estudo da gênese da ideologia das aptidões, na realidade, mostrou que não se pode considerar a ideologia unicamente, como um conjunto de produções mentais conscientes, como um sistema de pensamentos cristalizados. Por vezes, ela se reveste até mesmo da aparência de conhecimento científico, mas o postulado fixista inicial introduz nesse discurso, falhas lógicas que impregnam de irracionalidade uma demonstração que se pretende rigorosa” (Bisseret. 1979. p. 67).

3 AS TRÊS FORMAS DO CAPITAL CULTURAL

A teoria de Bourdieu, busca sempre revelar as “artimanhas” de dominação do sistema capitalista para além do elemento econômico. Nesse sentido, situa o conceito de capital cultural, como um agente de reprodução do campo escolar, dissimulador das estratificações da classe dominante. Essa espécie de “engenharia sociológica” desenvolvida por Bourdieu, desdobra-se no que denomina de níveis operacionais do capital cultural, entrelaçados no espaço social com resultados díspares.

O sociólogo Francês compreendia que, de forma geral, grande parte das propriedades do capital cultural liga-se ao corpo. O que denominou de capital cultural incorporado. Pressupondo a incorporação de elementos materiais e simbólicos contidos na estrutura social. Basicamente herdados da família. Algo como valores de uma condição humanista e laica de civilização, dos quais a escola faz parte. Tendo esse capital, grande peso educacional.

A diferença do capital cultural incorporado pela família, coloca-se como um elemento de distinção no processo educacional formal. Estabelecendo-se como uma barreira invisível para os que não o possuem, justificando de forma material (e também simbólica) seu fracasso escolar.

Uma espécie de desdobramento da forma geral do capital cultural, encontra-se no capital cultural objetivado. O suporte material que potencializa o capital cultural incorporado. São escritos (livros, teses, revistas, internet), pinturas, filmes, museus, teatros que necessitam para serem adquiridos, da formação prévia de um habitus estimulador, anteriormente desenvolvido no capital cultural em seu estado incorporado. Necessitando, esse tipo de capital, de uma certa condição financeira. Sendo apropriado pelos agentes no interior dos campos onde se travam disputas materiais e simbólicas por prestígio e posições sociais. Sendo beneficiados os agentes que dominam esse capital, associado ao capital cultural incorporado.

Estabelecendo uma espécie de conclusão na análise do capital cultural, Bourdieu compreende haver um terceiro elemento formador do capital cultural que denominou de capital cultural institucionalizado. O diploma, um elemento cultural relativo, instituído pelo poder institucionalizador do estado representado pela escola.

O capital cultural institucionalizado neutraliza simbolicamente propriedades não adquiridas ou desenvolvidas pelo capital cultural incorporado. Conferindo ao seu

portador, um valor convencional constante e juridicamente garantido, no que diz respeito à cultura.

O diploma, compreendido como um capital cultural institucionalizado, opera como se fosse uma espécie de “magia”, ao conferir ao diplomado um lastro cultural que ele pode ou não possuir, mas que pela via negativa, confere-lhe um status simbólico positivo em relação aqueles que não o possuem, conferindo-lhe uma posição de poder na estrutura social. Mesmo que essa simbologia não corresponda as suas habilidades técnicas.

“Na verdade, dentre as soluções historicamente conhecidas quanto ao problema da transmissão do poder e dos privilégios, sem dúvida a mais dissimulada e por isso mesmo a mais adequada à sociedade tendentes a recusar as formas mais patentes de transmissão hereditária do poder e dos privilégios, é aquela veiculada pelo sistema de ensino ao contribuir para a reprodução da estrutura das relações de classe dissimulando sob as aparências da neutralidade, o cumprimento dessa função” (Bourdieu, 2004 p.296).

4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E CAPITAL CULTURAL

Embora a questão da relação entre o capital cultural como entende Pierre Bourdieu e a formação de professores seja uma situação problema que necessitaria de uma pesquisa aprofundada para se verificar (o que obviamente não é possível nesse breve artigo), alguns pontos de reflexão podem ser levantados para no futuro, em um trabalho de maior fôlego, nortear possíveis análises e mesmo ações afirmativas. Sobre essa questão, é importante compreender a escola em seus mais variados níveis de realidades, como um lugar situado no campo educacional que de forma geral, manifesta a partir dos seus agentes, (discentes e docentes principalmente) uma cultura inerente à própria sociedade. Uma cultura desenvolvida hegemonicamente pelos grupos dominantes que direcionam econômica, política e culturalmente a vida das pessoas, e que portanto, buscam se perpetuar no poder. Criando a ideologia que justifica porque alguns têm sucesso escolar e outros não. Obscurecendo assim, uma condição de classe social e atribuindo ao indivíduo unicamente, a responsabilidade pelo seu fracasso escolar e social.

“essa discussão significa um desafio, pois trata de um tema polêmico sendo preciso romper com a concepção liberalista, na qual a responsabilidade pelo fracasso ou sucesso depende do próprio sujeito. A educação não tem de ser misturada com a ideologia que a coloca como “salvação” (Tozetto, Bulaty. 2015 p. 121)

5 FAMÍLIA E CAPITAL CULTURAL

É importante analisarmos que de forma geral, a educação possui um conjunto de elementos culturais mobilizados por agentes sociais, oriundo de práticas particulares cujo núcleo central mobilizador é a família e que a maioria das famílias são produtos da acumulação a nível de valores taxonômicos, de um padrão cultural sedimentado em bases de reprodução da dominação: os Valores capitalistas distribuídos em um ideal patriarcal e religioso, que é agregado, no transcorrer das gerações, à ordem social acumulativa de um capital cultural que raramente transgrida as regras sociais estabelecidas.

“De fato, a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social. Na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura e espaço social e das relações sociais. Ela é um nos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações...” (Bourdieu, 2016, p. 131).

Então, compreender a formação do ethos familiar dos professores, mesmo que já tenham desenvolvido uma formação acadêmica considerada satisfatória, faz-se importante para verificar-se que lacunas precisam ser “preenchidas” com cursos de capacitação ou coisas do tipo. As observações empíricas demonstram que cursos de oratória, idioma e mesmo epistemologia, deveriam fazer parte da formação dos docentes, principalmente os da área de ciências humanas. Sendo importante considerar que grande parte dos profissionais que trabalham no campo educacional, são oriundos da escola pública cuja debilidade econômica e estrutural já é historicamente conhecida.

6 CAPITAL CULTURAL E SABERES DO PROFESSOR

Embora exista uma miríade de questões que, justamente com a aquisição do capital cultural incorporado, herdado da família, contribui ou não para uma aquisição de capital cultural institucionalizado pelo professor, modernamente existe uma mudança da própria condição do trabalho docente desempenhado pelo professor na escola. Não cabendo mais a este, apenas o ato de ministrar o conteúdo das disciplinas do currículo. Mas desempenhar uma espécie de “polivalência” de demandas culturais que, a todo momento, colocam-se em seu caminho. O assim chamado “professor moderno”, precisa dar conta de inúmeras questões burocráticas da escola, de problemas de ordem pessoal, trazidos pelos alunos e de conflitos de todas as dimensões que vão além da sua função-primeira que é dar aula.

O capital cultural do professor por mais que seja amplo, não tem como abranger toda essa demanda. E nem esse é o seu papel. O que o leva a uma espécie de generalização de informações que não ajudam na reflexibilidade crítica sobre as contradições profundas da sociedade excludente em que vivemos. Contribuindo assim, para dissimulação das desigualdades sociais e para a reprodução do próprio sistema.

“ao fazer tudo isso, o sistema de ensino dissimula melhor e de maneira mais global do que qualquer outro mecanismo de legitimação (por exemplo, quais seriam os efeitos sociais de uma limitação arbitrária do público a partir de critérios étnicos ou sociais), o aspecto arbitrário da delimitação efetiva de seu público, podendo assim impor de modo bem mais sutil a legitimidade de seus produtos e de sua hierarquia (Bourdieu. 2004, p. 311).

Essa generalização de formação do professor, que entre outras coisas, imprime uma não aquisição da própria formação humanista mais sólida, termina por torná-lo um agente desqualificado do ponto de vista do capital cultural objetivado. O que o deixa incapaz de, consorciado com seu baixo capital cultural incorporado, levar ao aluno uma interpretação crítica do mundo, transmitindo apenas informações de cunho superficial e aligeiradas. Cabendo esse tipo de professor e escola, (que em geral trata-se da escola pública) para as classes sociais de baixa renda. Enquanto que para as classes sociais de grande poder aquisitivo, tem-se outro tipo de professor e escola.

“A escola que interesse à grande maioria dos que a ela têm acesso – ou que gostariam de ter – não é a escola requerida pelos interesses do capital numa sociedade organicamente montada sobre a discriminação e o privilégio de poucos, não há interesse por uma escolarização que nivela – em quantidade e qualidade - o acesso efetivo do saber.” (FRIGOTO. 1993, p.179)

7 CONCLUSÃO

Por mais que a escola seja uma espécie de catalisadora de inúmeras e velozes transformações por que passa o mundo moderno e que, alguns autores proponham a extinção gradual da profissão de professor, cabe a esse profissional o papel fundamental de informar e organizar o pensamento dos alunos. O que portanto exige que reflitamos sobre a própria formação dos mesmos.

Existem muitas dimensões sociais que fazem parte da vida do professor como ser humano, e que se refletem no seu trabalho docente. Nesse breve trabalho, baseado no pensamento de Pierre Bourdieu, foram selecionadas duas que não são menos importantes que as demais não abordadas aqui: o capital cultural incorporado encontrado na família e o capital cultural objetivado. A análise desses dois tipos de capitais, no caso da formação

dos professores, podem nos dar uma “pista” (dentre tantas outras possíveis) de como tornar a formação desses profissionais mais solidamente científica, baseada em uma razão filosófica – epistemológica, que permita principalmente aos professores oriundos socialmente de famílias de baixa renda e que estudaram a vida toda em escolas públicas, não só dominar o capital cultural, mas colocá-lo em um invólucro crítico e democrático.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação** (Maria Alice Nogueira e Afrânio Catânio-orgs) 16ª Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2016.

_____. **O poder simbólico** (trad. Fernando Tomaz) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. S/A, 1989.

_____. **A Economia das trocas simbólicas** (Sérgio Miceli – Orgs.) 5º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BISSERET, T. N. A ideologia das aptidões: In: **Educação e de classe as funções ideológicas da escola** (José Carlos Durand- Org) Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

FRIGOTTO, Gandêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1973.

TOZETTO, Susana Soares; BULATY Andréia. **A história da formação de professores frente ao trabalho docente**. In: A graduação e a formação de professores (Ari Raimann – org). Jundiaí. Paco editorial, 2015.